ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO ESCOLAR NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

CRISTIANE DE LIMA NOVAES CUNHA

RESUMO

O analfabetismo, no Brasil, é uma problemática recorrente que se encontra inserida nas discussões educacionais justamente pelo baixo desempenho na leitura e na escrita, dados esses revelados anos após ano pelos índices escolares. A aprendizagem da leitura e da escrita está inserida de várias formas e nos mais diversos espaços e eventos sociais, e está intimamente ligado ao letramento. Existem milhões de pessoas no mundo inteiro que não possuem acesso ao letramento, onde uma grande parte é constituída de crianças que não frequentam a escola. No país, a realidade de letramento social e escolar é muito diferente, principalmente quando se fala em escolas públicas, onde há diversos fatores que dependem de região e população atendida. Diante de tantas diferenças sociodemográficas e econômicas, alguns questionamentos estão em aberto. Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi analisar os desafios atuais da alfabetização e letramento escolar, bem como suas perspectivas. A revisão bibliográfica foi a metodologia de pesquisa utilizada neste trabalho, com as bases de dados: Google Acadêmico e Scielo (Scientific Eletronic Library Online), além de livros, teses e dissertações. Entre os anos 2010 e 2020. foi possível compreender que as práticas desempenham importante papel no processo de Alfabetização e letramento. É função da escolar desenvolver mecanismos para que se consiga desempenhar corretamente o processo de alfabetização e letramento.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Letramento; Escola; Desafios.

1. INTRODUÇÃO

A questão do analfabetismo, no Brasil, é uma problemática recorrente que se encontra inserida nas discussões educacionais justamente pelo baixo desempenho na leitura e na escrita, dados esses revelados anos após ano pelos índices escolares. Sobre este cenário, é de suma importância configurar o processo de aprendizagem destas competências, visando garantir a inserção de um maior número de sujeitos no mapa dos alfabetizados, sobretudo, dos alfabetizados funcionais. A aprendizagem da leitura e da escrita está inserida de várias formas e nos mais diversos espaços e eventos sociais, e está intimamente ligado ao letramento.

Existem milhões de pessoas no mundo inteiro que não possuem acesso ao letramento, onde uma grande parte é constituída de crianças que não frequentam a escola. No país, a realidade mostra um número muito baixo de brasileiros realmente letrados: apenas 28%. Grande parte são considerados analfabetos funcionais, segundo o INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional).

O processo do letramento, dura praticamente a vida inteira do indivíduo, e pode variar de acordo com as circunstâncias econômicas, sociais e políticas de uma sociedade (CARNIO et al., 2011).

O termo letramento, no qual se entende como a condição de ser letrado, ou seja, aquele que sabe ler e escrever, além de responder adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita, se diferencia do conceito de alfabetização, no qual se diz sobre aquele indivíduo que sabe ler e escrever. Seja qual for o conceito, são interdependentes, indissociáveis e síncronos, sendo que o mais importante é levar em conta o contexto social e cultural do indivíduo no momento da aquisição da escrita JONES e HENRIQUEZ, 2009; CARNIO et al., 2011).

No Brasil, a realidade de letramento social e escolar é muito diferente, principalmente quando se fala em escolas públicas, onde há diversos fatores que dependem de região e população atendida. Na escola o letramento, é um método que desenvolve habilidades reflexivas através da escrita e da leitura. Esse método pode ser considerado uma extensão dessas práticas de leitura e escrita no âmbito social.

Diante de tantas diferenças sociodemográficas e econômicas, alguns questionamentos estão em aberto. É preciso fazer um levantamento para responder questões como: analisar de que forma essas diferenças contribuem para o aumento do analfabetismo funcional? Quais as interferências pedagógicas podem ser feitas para melhorar esse processo? De que maneira o letramento pode contribuir para que os indivíduos sejam críticos e atuem melhorando a sociedade?

Depois de feita essa reflexão, será possível analisar as competências do letramento escolar em uma análise sobre os alunos diante da realidade da escola pública. Sendo assim, é preciso delinear o perfil do letramento escolar em crianças do ensino fundamental I nas escolas públicas, pois poderá oferecer novos parâmetros sobre conhecimentos adquiridos no ciclo inicial na obtenção da leitura e escrita. A constatação de habilidades e competências do letramento escolar pode permitir a elaboração de programas de intervenção favorecendo alunos com dificuldades de leitura e escrita, encaminhando-os aos setores responsáveis.

Portanto o objetivo deste trabalho foi

analisar os desafios atuais da alfabetização e letramento escolar, bem como suas perspectivas. Como objetivos específicos analisamos e comparamos o desempenho em letramento escolar dos alunos após as atividades participativas.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Letramento e linguagem escrita

O letramento enfatiza as práticas sociais de leitura e escrita, complementando assim o processo de alfabetização que visa levar o aluno a adquirir o código escrito e ortográfico, em algum momento do advento da pedagogia do letramento, que ocorreu concomitantemente em vários países, acreditou-se que o contato com a cultura letrada substituiria o ensino conteudista do sistema. Deste modo, a palavra letramento foi incluída no vocabulário educacional recentemente, decorrente da necessidade do diferenciamento entre os conceitos de letramento e alfabetização (MACEDO, 2020).

Quando elevado à condição de um parâmetro que objetiva alcançar o processo de alfabetização, o letramento pode acabar marcando os que sempre foram excluídos, famílias em que a linguagem escrita não tem um peso grande, cujas práticas pessoal e profissional podem prescindir. Na perspectiva de explicitar o sentido social da aprendizagem da língua escrita, a aplicação da noção de letramento tem levado a dicotomizar forma e sentido, técnica e conhecimento, individual e social, fonema e linguagem, entre diversos elementos (GOULART, 2014).

O aprendizado e a frequente utilização da escrita de forma funcional devem ocorrer ambos simultaneamente, não privilegiando um aspecto em detrimento do outro. Ou seja, as práticas do ensino da leitura não devem focar primordialmente na aprendizagem de regras de correspondência entre letra e som, para adquirir um código escrito. O letramento, sem um ensino sistemático da leitura e escrita, não garante aos indivíduos que se tornem verdadeiramente letrados (STREET, 2014).

O termo “letramento” foi criado por Kato em 1985, para instituir aqueles que desempenham práticas sociais de leitura e escrita, que são além do apenas ensinar ler e escrever, sendo estas práticas com crianças que integram eventos em que a escrita é participante no processo de condições iniciais, sob os aspectos social, cultural, cognitivo e de inserção em uma sociedade letrada (KATO, 1985).

De acordo com Freire (1979), momentos de intensa troca e de diálogos entre educandos e educadores sempre antecedem as atividades. Assim, durante o período de adaptação, as crianças presenciam situações de interação verbal, formam sujeitos na relação, apropriando-se e recriando a fala do outro.

Diante de uma sociedade cada vez mais grafocêntrica, o domínio adequado das competências que compreendem o letramento promove automaticamente a inclusão social do indivíduo. Contudo, diante de diversos fatores que envolvem esta questão, evidenciamos que critérios e categorias se distinguem na mensuração do letrado por diferentes organizações (SILVA e BEHAR, 2019).

Atualmente, estabelecer as habilidades necessárias ao aluno letrado do futuro torna-se um desafio diário. Conforme Ala-Mutka (2011), ainda existe uma lacuna referente a estas habilidades diante das novas Tecnologias da Informação e

Comunicação (TIC’s). As peculiaridades entre cada uma são grandes, porém, com um ponto em comum: estabelecem tecnologia e letramento como domínios distintos. O ponto de contato diz respeito ao modo como esses domínios conseguem se relacionar. As tecnologias educacionais estão diretamente ligadas na construção de todas as práticas que incluem o letramento. Não estando separadas da produção textual e compreensão.

O letramento hoje, é alvo de vários estudos, e o conceito de letramento ainda não está incluído em todos os dicionários, nem na linguagem midiática, pois é bem recente a conquista de admiradores no país (JUSTO e RUBIO, 2013). Ainda segundo as autoras, os pesquisadores garantem que um estudo aprofundado do letramento, geraria um melhor desempenho das pessoas na escrita e na assimilação da leitura obtendo um melhor aproveitamento do que se estudou, para ser colocado em prática diariamente, pois o letramento está relacionado com os usos da leitura e da escrita, na vida em sociedade.

Ainda sabemos pouco sobre as novas maneiras de realizar o letramento, pois a comunidade científica que estuda o tema não consolidou como importante as mudanças que se põem para as tarefas de leitura e escrita. Como resultado, o que sabemos tem sua origem nas comunidades da Tecnologia da Informação e da Comunicação Mediada pelo Computador, porém, os dados são apenas relacionados, de forma indireta, voltado para as questões do letramento no contexto de aprendizagem escolar (KENSKI, 2012).

De acordo com Nunes e Corsino (2019), a escrita durante a infância ocorre antes da primeira vez que o professor coloca um lápis na mão do aluno, sendo necessário que o docente utilize determinadas habilidades, pois se formos considerar a pré-história da escrita, teremos adquirido uma relevante ferramenta para os professores: o conhecimento prévio que a criança adquiriu antes de entrar na escola.

Ainda para os autores a escrita é formada pelo uso funcional de linhas, pontos e outros símbolos para identificar, construir ideias e conceitos. Por exemplo, rabiscos podem mostrar algo mais que simples linhas sobrepostas no papel. As posições de um rabisco, a sua posição e a relação comparada a diversos rabiscos possibilitam à criança recordar o que havia registrado.

Em relação à exploração da escrita através da interação com o ambiente escolar Abramowicz (2017), descreve que as práticas pedagógicas diárias exercidas na educação infantil, têm apresentado as maiores dificuldades dos professores em trabalhar com a linguagem escrita. As práticas indicam a problemática dos professores com esse período, em conjunto com a preocupação voltada para a preparação da escola.

Conforme Ferreiro e Teberosky (1986), para a construção da escrita o indivíduo deve passar por 4 etapas primordiais, sendo:

Pré-silábico;

Silábico; 3) Silábico-alfabético; 4) Alfabético.

O primeiro nível ocorre quando o aprendizado faz as passagens pelas fases icônica, de grafismo primitivo, uso de letra, onde promove a quantidade mínima ou máxima, sem diferenciação de acordo com a palavra.

Já no nível silábico, ao escrever, o indivíduo utiliza uma letra para cada sílaba e não uma letra para cada fonema. Na fase silábico-alfabética, o aluno consegue escrever, ora silabicamente e ora alfabeticamente. Por fim, na fase alfabética, as letras passam a corresponder à base alfabética dos sistemas fonológico e gráfico da língua, na qual o indivíduo se alfabetiza (FERREIRO e TEBEROSKY,1986).

A linguagem escrita se mantém presente na educação infantil como um meio para a expressão, contudo o trabalho pedagógico tende a procurar um caminho dentro da perspectiva histórico-cultural que permita um auxílio na polarização entre a assistência e a preparação para o ensino fundamental (SOUZA, MORO e COUTINHO, 2015).

3. RELATO DE ESTUDO

Em 1990 foi sancionado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8069/1990, que estabeleceu os direitos específicos da criança e do adolescente, reafirmando os dispositivos da Constituição Federal (1988). Diante disso, considera-se que tanto a Constituição Federal de 1988 quanto o ECA, priorizam os direitos e garantias fundamentais da criança e do adolescente. Contribuindo para o reconhecimento da criança denominada como cidadã, sujeito criativo, que possui suas individualidades, sendo produtora da cultura e da história, em conjunto à produção de história e cultura que lhes são contemporâneas (CASTRO, 2019).

Relacionar-se com o posicionamento acadêmico-profissional em conjunto com o processo de transição dos anos iniciais para os anos finais significa adentrar ou não a estudos que se ocupam de esforços institucionais que vêm sendo promovidos em um momento do processo de desenvolvimento e da aprendizagem dos alunos (AGUIRRE, 2017).

Durante o ensino fundamental, durante os anos iniciais, por se ter apenas um professor em sala de aula, ou no máximo dois ou três professores, a criança entende quais são as regras que ela deve seguir, contudo, ao ingressar nos anos finais do ensino fundamental e encontrar um número maior de professores, os quais possuem formas distintas de conduzir suas aulas, onde as quais a criança se sente insegura, pois não sabe a quem recorrer para sanar suas dúvidas (DIAS-DA-SILVA, 1997).

Borges (2015) destaca que a atuação de alguns docentes de sexto ano, possui algumas lacunas devido à escassez de formação continuada junto com uma formação inicial deficitária resultando com um professor não compreende que esta fase de transição deve ser trabalhada com uma atenção especial, para que não transcorra em indisciplina, desmotivação e/ou diminuição do desejo de aprender dos alunos.

Para os discentes, o apoio social dos professores em conjunto com o apoio social da família promove uma educação eficiente e de qualidade. Ao constatarem o auxílio dos docentes estes alunos possuem as melhores notas do que aqueles que não utilizam desse apoio. Portanto, durante as duas últimas décadas, o ambiente escolar e a formação do professor resultam em uma relação entre professor-aluno têm sido destacadas como importante e significativo apoio social (ACHKAR, et al., 2017).

Atividade 1: Brincadeira de rimar

Nessa atividade a brincadeira é bem simples: é só falar tudo o que puder com rimas.

Você pode recorrer a rimas famosas, como A Bailarina, de Cecília Meireles. Dá só uma olhada em uma parte dela:

"Esta menina tão pequenina quer ser bailarina.

Não conhece nem dó nem ré mas sabe ficar na ponta do pé. Não conhece nem mi nem fá mas inclina o corpo pra cá e pra lá. Não conhece nem lá nem si, mas fecha os olhos e sorri."

Cecília Meireles

Atividade 2: Leitura e produção de texto

Produção coletiva de textos (de forma que o educador atue como escriba, o próximo passo é pedir que as crianças reescrevam a história – o objetivo é analisar como os alunos escrevem e a forma que eles se expressam na escrita);

Contação de histórias (além de estimulada a prestarem atenção na forma que a professora fala, as crianças também podem ser induzidas a criarem pequenas histórias baseadas naquela que fora contada anteriormente);

Escrita coletiva de cartas;

Escrita de parlendas e poemas conhecidos;

Descrição escrita de personagens de histórias conhecidas;

Ditado em duplas (de aluno para aluno);

Escrita de legendas relacionadas à gravura;

Parlendas com lacunas;

Cópias de escritas na lousa de lições de casa. (Caderno do educador, 2010)

Atividade 3: Tubarão comedor de sílabas

Essa atividade exige os seguintes materiais:

Cartolina colorida;

Caixa de sapato;

Tesoura;

Tinta guache.

Faça um corte triangular na tampa da caixa, para ser a boca do tubarão.

Decore e pinte a caixa com a tinta guache.

Corte as cartolinas coloridas com formato de peixinhos, que caibam no espaço da boca do tubarão.

Escreva sílabas no corpinho dos peixinhos.

As crianças precisam colocar os peixinhos dentro do tubarão e repetir as sílabas que o tubarão está comendo.

CONCLUSÃO

De acordo com a revisão da literatura feita neste trabalho, foi possível compreender que as práticas desempenham importante papel no processo de alfabetização e letramento. É função da escolar desenvolver mecanismos para que se consiga desempenhar corretamente o processo de alfabetização e letramento.

O trabalho de alfabetização e de letramento deve ocorrer de forma simultânea e planejada, sendo que ambos são necessários para que os sujeitos consigam ler, escrever e usar socialmente a leitura e a escrita nos mais variados espaços comunicativos.

A alfabetização e o letramento, em todas as suas dimensões são processos que devem ser selecionado pelos educadores como um ponto inicial para formar leitores e escritores capacitados, e promover uma melhoria na qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A.; TEBET, G. G. de C. Educação infantil: um balanço a partir do campo das diferenças. Proposições, v. 28, Supl. 1, p. 182-203, dez. 2017.

ACHKAR, A. M. N.; LEME, V. B. R.; SOARES, A. B.; YUNES, M. A. M. Risco e proteção de estudantes durante os anos finais do ensino fundamental. Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 21, Número 3, setembro/dezembro de 2017: 417-426

AGUIRRE, K.C. a transição dos anos iniciais para os anos finais do ensino fundamental: o que diz a produção nacional. Universidade Federal da Fronteira Sul, 2017.

ALA-MUTKA, K. Mapping digital competence: Towards a conceptual understanding. Sevilla: Institute for Prospective Technological Studies, 2011.

BORGES, Renata Sales de Moraes. Desafios ao educador na transição do quinto para o sexto ano nas escolas públicas do Estado de São Paulo: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO. Trabalho final. Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores. PUCSP, 2015. Disponível em < https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/10254.> Acesso em: 08. dez. 2020.

CÁRNIO, M. S.; MARÍLIA, M. B; ALVES, C; ANDRADE, R. V. Letramento escolar de estudantes de 1ª e 2ª séries do ensino fundamental de escola pública. Rev. soc. bras. fonoaudiol. vol.16 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2011.

CASTRO, E. G.; MACEDO, S. C. Estatuto da Criança e Adolescente e Estatuto da Juventude: interfaces, complementariedade, desafios e diferenças. Rev. Direito Prax., Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 1214-1238, 2019.

DIAS-DA-SILVA, M. H. G. F. Passagem sem rito: as 5ªs séries e seus professores. Campinas-SP. Papirus - Série Pedagógica, 1997.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Psicogê-

nese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas,1986.

FREIRE, P. Ação cultural para a liberdade. 4ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

GOULART, C. M. A. O conceito de letramento em questão: por uma perspectiva discursiva da alfabetização. Bakhtiniana, São Paulo, 9 (2): 35-51, Ago./dez. 2014.

INAF: Indicador de Alfabetismo Funcional - Brasil 2007. [citado 2008 Dez 2020]. Disponível em: http://www.acaoeducativa.org.br/portal/images/stories/pdfs/inafresultados2007.p df.

JONES S, ENRIQUEZ G. Engaging the intellectual and the moral in critical literacy education: the four-year journeys of two teachers from teacher education to classroom practice. Read Res Q.;44(2):145-68, 2009.

JUSTO, M.A.P.S; RUBIO, J.A.S. Letramento: O uso da leitura e da escrita como prática social. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 4 – nº 1 – 2013.

KATO, M. O Aprendizado da leitura. Martins fontes. 1985.

KENSKI, V. M. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MACEDO, M. S. A. N. Contribuições Teórico-Metodológicas para a Pesquisa sobre Letramento na Escola. Educ. Real., Porto Alegre, v. 45, n. 2, 2020.

NUNES, M. F. R.; CORSINO, P. Leitura e Escrita na Educação Infantil. Contextos e Práticas em Diálogo. Cad. Pesqui. São Paulo, v. 49, n. 174, p. 100-129, Dec. 2019.

STREET, B. Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SILVA, K. K. A.; BEHAR, P. A. COMPETÊNCIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO: UMA DISCUSSÃO ACERCA DO CONCEITO. Educ. rev., Belo Horizonte, v. 35, 2019.

SOUZA, G. de; MORO, C.; COUTINHO, A. S. (org.). Formação da rede em educação infantil: avaliação de contexto. Curitiba: Appris, 2015.